

UNIFES COM TIVAL

EDIÇÃO ESPECIAL
4º FESTIVAL SANTA CRUZ DE CINEMA
CURSOS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL / UNISC
SANTA CRUZ DO SUL / RS / AGOSTO / 2021

02 EM CARTAZ:
Festival
Santa Cruz
de Cinema

03 LUZ, CÂMERA,
AÇÃO!
Os idealizadores do Festival
de Cinema em cena

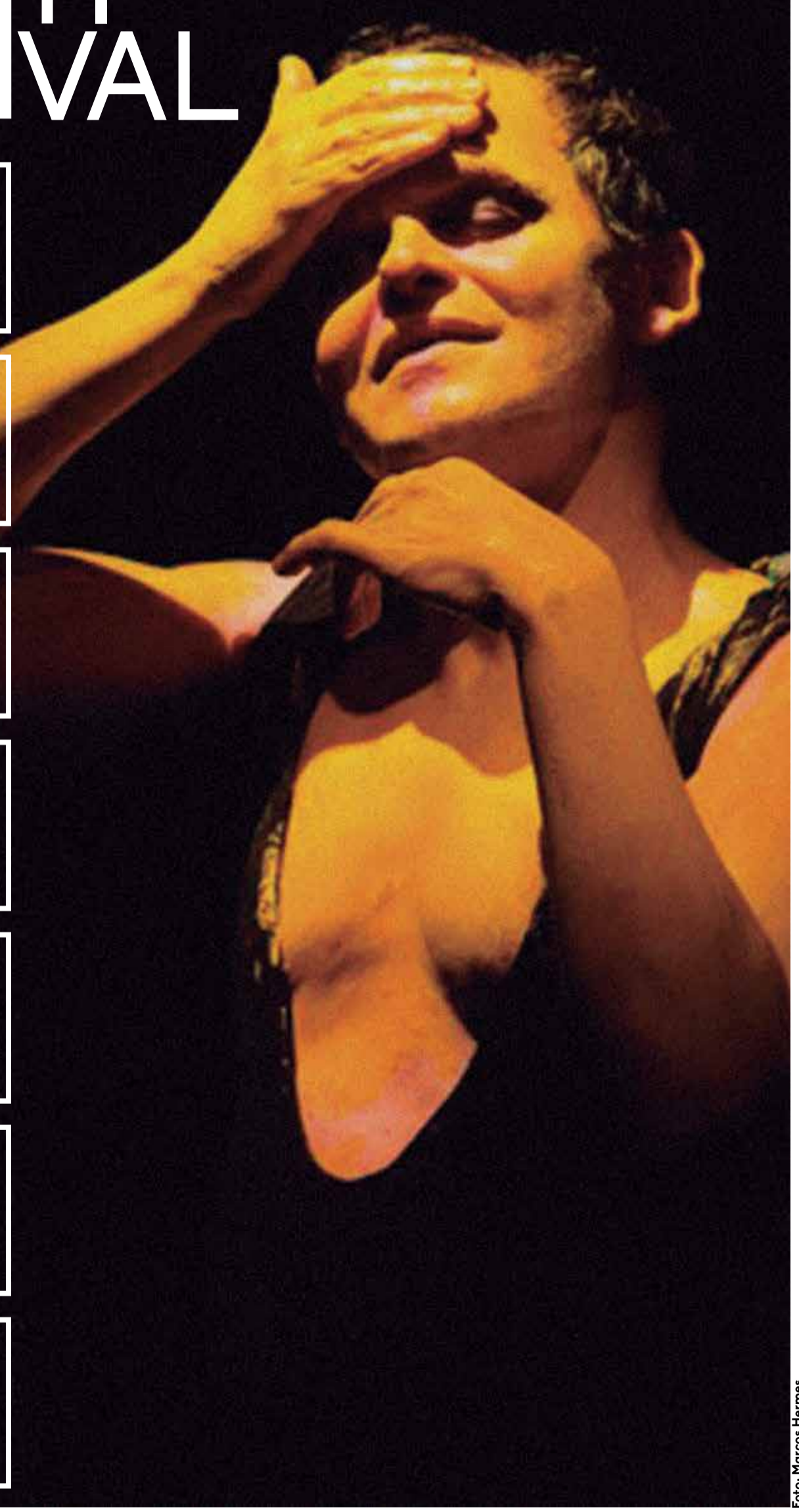
04 DO MAGISTÉRIO
AO FESTIVAL
Helena Poetini teve documentário
indicado para a Mostra Nacional

06 FORA DO PAPEL
Matheus Nachtergaele fala
sobre a vida e o cinema em
entrevista exclusiva

08 CENA 1:
ESCOLHAS
Os bastidores da decisão dos
jurados sobre quem leva o troféu

10 A GRANDE
TELA
Conheça a Mostra Olhares
Daqui e seus talentos

11 OÁSIS NO
DESERTO
Santa Cruz supera dificuldades
e se torna referência no cinema



EM CARTAZ: FESTIVAL SANTA CRUZ DE CINEMA

Em meio às adversidades impostas pela pandemia, e em um contexto sócio-político, por vezes, desfavorável à cultura, o Festival Santa Cruz de Cinema entra em cena e traz alento aos corações de quem vive da arte e daqueles que são tocados por ela. Como em um inventário, o nosso jornal-laboratório, Unicom, busca reunir memórias, histórias e vivências de todos que colaboraram para manter viva a chama da essência humana, da curiosidade e das emoções. Cada palavra escrita aqui carrega o peso das realidades daqueles que nem sempre

estão à frente das telas ou dos palcos, mas que fazem desse evento algo tão marcante para o nosso país, para o nosso município e para todos que trabalham nesse ramo. O sonho de se tornar o polo da difusão, do lançamento e da promoção de produções brasileiras se torna realidade em Santa Cruz do Sul.

Nas páginas que se seguem, enquadrados a importância dos três idealizadores do festival, os bastidores da escolha dos jurados e de quem leva o troféu, os caminhos percorridos por Matheus Nachtergaele, a trajetória de vida de quem

foi dos vídeos amadores ao reconhecimento nacional, a importância da Mostra Olhares Aqui como impulsionadora de novos talentos, e um olhar apurado aos dilemas do cinema brasileiro.

As cenas retratam situações do cotidiano de quem transborda amor pelo cinema e, desta vez, as câmeras se voltam para aqueles que geralmente estão por trás delas. Convidamos você, querida leitora e querido leitor, para se aventurar pelos capítulos das histórias que tiveram um final feliz.

BOA LEITURA!



- TURMAS DE JORNALISMO IMPRESSO (JI) E EDITORAÇÃO EM JORNALISMO (EJ)
1. Adriel Jordana Wrasse (JI+EJ) Reportagem e Projeto Gráfico
 2. Bianca Schilling (JI+EJ) Reportagem e Proj. Gráfico Aplicado
 3. Carolina Appel (JI) Reportagem
 4. Guilherme Ubatuba (JI) Reportagem
 5. Kássia Machado Pereira (JI+EJ) Reportagem e Proj. Gráfico
 6. Kimberly Lessing (JI) Edição
 7. Luana Barbosa (JI) Reportagem
 8. Luana Schweikart (JI+EJ) Reportagem e Proj. Gráfico Aplicado
 9. Milena Bender (JI) Reportagem
 10. Nicolas Vinicius da Silva (JI+EJ) Reportagem e Proj. Gráfico
 11. Pablo Vargas de Melo (JI) Reportagem
 12. Paula Schoepf (JI) Reportagem
 13. Ana Clara Seberino (EJ) Proj. Gráfico
 14. Bruna Rodrigues de Oliveira (EJ) Proj. Gráfico Aplicado
 15. Matheus Vieira Prestes (EJ) Proj. Gráfico
 16. Prof.ª Patrícia Regina Schuster Coordenação Editorial
 17. Prof. Rudinei Kopp Coordenação de Design

Jornal-laboratório do curso de Graduação em Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Disciplinas de Editoração em Jornalismo e Jornalismo Impresso III - Turma 2021/1

LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

Desde 2018, Diego, Roberta e Rudinei entram em cena e comandam um espetáculo da arte: o Festival Santa Cruz de Cinema

Por Kássia Machado e Milena Bender*



Rudinei, Roberta e Diego idealizaram o Festival Santa Cruz de Cinema e, junto a isso, o sonho de evidenciar a arte no município

Silêncio, escuridão e, ao fundo, vozes e imagens que carregam, em vários tons, histórias. Para quem adentra a sala, a expectativa despertada pela curiosidade do que as telas irão mostrar. A cada cena, uma explosão de sentimentos: lágrimas, gargalhadas, medos, certezas. O espetáculo já envolve todos pela magia da arte. O que mostra que, mesmo no escuro, há espaço para acender a imaginação. Assim, inspirados neste ambiente de pouca luminosidade física, mas de farta luz criativa, três amigos e sonhadores foram despertados. O objetivo? Trazer o brilho do cinema para mais perto. Surge, então, o Festival Santa Cruz de Cinema.

Conectados com a arte e apaixonados pelo cinema desde muito cedo, Diego Tafarel, Roberta Pereira e Rudinei Kopp são os responsáveis por idealizar o evento, que ocorre desde 2018. O produtor audiovisual e integrante da Pé de Coelho Filmes, a gerente do Sesc Santa Cruz e o professor dos cursos de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) construíram um roteiro que reuniu forças e parcerias para não só realizar o sonho em comum, mas também tornar possível um festival de oportunidades. Aos produtores de curtas-metragens, a chance de trazer à tona importantes discussões; a comunidade, de conhecer outras realidades por meio do cinema e, ao município, o reconhecimento em nível nacional.

Assim, a cidade conhecida pela Festa da Alegria dá espaço para os olhares atentos daqueles que respiram cinema, tornando-se uma vitrine de produções artísticas. A cada exibição, as cortinas se abrem, o tapete vermelho se

viver e a pandemia nos mostrou isso. Estar à frente de um evento como esse é apaixonante e desafiador. O resultado compensa", destaca Roberta.

Diferentes obstáculos despontam a cada ano. Contudo, a vontade de continuar fazendo cinema fala mais alto e os motiva a seguir em frente. Assim, ao final de cada edição, como nos tradicionais espetáculos, as cortinas se fecham. Menos para os três amigos. Para eles, o palco permanece montado. É hora de começar tudo outra vez.

CULTURA E ENTRETENIMENTO

Além de fortalecer a arte do cinema em Santa Cruz, o festival faz girar a economia da cidade. Dada a sua relevância, ele conta com o apoio da Administração Municipal, por meio da Secretaria de Cultura, que pretende buscar cada vez mais incentivos para fomentar a atividade. O responsável pela pasta e que, coincidentemente, tem forte relação com o meio artístico, Marcelo Corá, aprova e colabora com a realização do evento. "O movimento é importante porque gera diversidade, ampla divulgação e curiosidade sobre a cidade. Estamos trabalhando fortemente para abrir os caminhos e fazer com que as pessoas busquem a cultura."

“Uma grande festa da cultura, porque ela muda as pessoas e faz muito bem para a sociedade.”

Diego Tafarel
Idealizador do Festival

estende e, como explana Kopp, novas histórias ganham voz. "Conseguimos que em torno de 20 filmes sejam vistos, evidenciando um cenário do país bem completo em vários sentidos, com inúmeros temas, problematizações e linguagens."

Essa celebração da cultura é algo que, mesmo não estando no script, faz parte das edições do Festival Santa Cruz de Cinema. Para Tafarel, é a representação de algo maior, que reúne todos em prol de um único objetivo: valorizar a arte. "A melhor parte é quando chega o dia do evento, porque cineastas do Brasil inteiro vêm para cá. Eu chamo de uma grande festa da cultura, porque ela muda as pessoas e faz muito bem para a sociedade."

Inclusive, parte do sonho dos idealizadores é expandir a tradição do cinema e fazer com que novos públicos passem a conhecer a arte de uma outra perspectiva. O desafio, no entanto, é constante, não só na busca de recursos, mas para que a cidade entenda a importância de eventos como este. "Todos os anos é um trabalho de convencimento para que a cidade como um todo abrace o festival. Sem arte é impossível



Corá: "Trabalhando fortemente para que as pessoas busquem a cultura"

DO MAGISTÉRIO AO FESTIVAL DE CINEMA

Ex-aluna da Unisc foi de vídeos amadores ao reconhecimento nacional a partir de documentário sobre aldeia indígena

Por Guilherme Ubatuba e Nicolas da Silva

No início, o prazer era contar histórias por meio da fotografia. Com o tempo, a imagem estática foi deixada de lado e o movimento passou a dar vida aos registros. Esses foram os primeiros passos de Helena Poetini no audiovisual, quando ainda era aluna no curso de magistério, ao fazer vídeos de forma amadora incentivada por um professor de geografia.

"Mesmo sabendo que não tinha o sonho de ser professora, cursei em Candelária, minha cidade natal. Fazíamos vídeos em uma disciplina e eu me aventurava em todo o processo, desde o roteiro à produção dos vídeos, imagens e na montagem", relembra. Ela não ligava isso à graduação, mas logo viu que tinha talento. Foi quando participou

de um evento da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), o Viva Unisc (promoção institucional voltada aos estudantes de ensino médio), e chegou até o curso de Produção em Mídia Audiovisual, segmento em que hoje se sente realizada.

O INÍCIO DA CARREIRA

O "start" das produções em vídeo foi dado em contato com as disciplinas mais práticas de audiovisual. Ao longo dos semestres, a assistente de produção - seu cargo atual - foi conhecendo mais a área e encontrou no cinema, e mais especificamente no documentário, a sua paixão. Para colocar isso nas telas, Helena Poetini busca referências em filmes e nas próprias vivências cotidianas. "Às vezes posso passar por um lugar que me remete a uma situação nostálgica e disso surge um roteiro que daria um bom documentário, e por aí vai". Helena é entusiasta de produções nacionais



Produção do documentário envolveu, além dos então acadêmicos, os próprios índios da tribo Mbyá-Guarani



Objetivo do documentário é dar voz àqueles que não são ouvidos. Por isso, indígenas também foram envolvidos nas gravações.

e tem como inspirações os diretores Eduardo Coutinho, Petra Costa e Vincent Carelli.

A ideia do seu primeiro documentário nasceu de uma viagem, ainda na turma do magistério, para São Miguel das Missões, em 2011. Lá, enquanto estava no Sítio Arqueológico, encontrou índios da tribo Mbyá-Guarani vendendo artesanatos. "Fiquei realmente sensibilizada com aquela situação e pensei que, se um dia tivesse a oportunidade, gostaria de vê-los como protagonistas daquela realidade." E a chance de dar vida àquela história surgiu quando Helena, seis anos depois, foi uma das 20 selecionadas, entre mais de 500 roteiristas de todo o Brasil, para um edital de produção de curtas-metragens por meio do Canal Futura.

“Depois que concluímos o filme, ele vai para o mundo e é aí que tudo começa de verdade.”
Helena Poetini

A execução da obra, que também foi o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), teve muitos percalços. Um deles foi a questão da distância entre Santa Cruz do Sul e a aldeia Tekoá Koen-ju (significa Aldeia Alvorecer, na língua nativa), que era de 350 quilômetros. Mas nem isso atrapalhou a sua vontade e dedicação em contar e mostrar as dificuldades vividas pelos indígenas. Neste

sentido, o filme foi pensado como um curta-metragem pela facilidade de circulação e exibição em festivais de cinema, o que poderia resultar em premiações e maior visibilidade. O roteiro, as imagens e a captação sonora foram produzidos a partir da direção da então acadêmica de audiovisual em conjunto com os índios Mbyá-Guarani.

O SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

O Festival Santa Cruz de Cinema, desenvolvido em parceria com a Unisc, foi criado em 2018 para trazer ao interior do Estado do Rio Grande do Sul um pouco da magia do cinema. A proposta era reunir diretores de todo o Brasil em Santa Cruz do Sul. Tudo estava programado, mas o que Helena não esperava era ser selecionada para a Mostra Nacional na sua primeira participação em meio a diversos diretores reconhecidos nacional e internacionalmente. Para ela, a escolha foi recheada de emoção, ainda mais sabendo que pôde retribuir todo o aprendizado da graduação ao produzir o seu documentário.

Helena descreve que a divulgação do seu documentário Tekoá Koen-ju no Festival Santa Cruz de Cinema foi a concretização de um sonho. Para além do público que assiste os filmes, os produtores audiovisuais têm no evento uma janela de exibição para o mundo. As obras são levadas aos olhos e mentes de mais pessoas que podem ser tocadas pela abordagem dos roteiros. "Depois que concluímos o filme, ele vai para o mundo e é aí que tudo começa de verdade", conclui, emocionada.



Helena se encontrou profissionalmente atrás das lentes

FORA DO PAPEL

Em entrevista exclusiva ao Unicom, Matheus Nachtergaele divide suas percepções sobre o cinema, a carreira, o país e a intimidade

Por Carolina Appel e Pablo de Vargas Melo

Oboi, a Bíblia e a bala no comando. Poderia ser nome de filme, mas é como Matheus Nachtergaele sintetiza um Brasil cuja realidade flerta com roteiros de cinema. O tom crítico, no entanto, logo dá lugar a um relato repleto de ternura — coisa que, em suas palavras, sugere o vocacionamento que os atores têm. Iniciado no teatro por Antunes Filho, em 1989, Nachtergaele é ator, diretor e um dos maiores nomes brasileiros da atualidade, seja nos palcos, no cinema ou na televisão.

Além disso, Nachtergaele será o grande homenageado do 4º Festival Santa Cruz de Cinema. Desde sua primeira edição, o Festival estende sua admiração a personalidades do cinema nacional. Em 2021, laureará o ator de obras como *O que é isso, Companheiro?*, *Central do Brasil*, *O Auto da Compadecida*, *O Bem Amado*, *Cidade de Deus*, além de outras tantas, entre mais de 60 filmes.

Matheus concedeu uma entrevista exclusiva para esta edição do Unicom. Perguntamos a ele sobre a homenagem, o Cinema, seu trabalho, sua vida pessoal e o contexto atual brasileiro. Confira!

1 Unicom: Matheus, como tu percebes a importância dos festivais de cinema? Matheus: Os festivais de cinema são, em geral, as únicas vitrines para o cinema de arte. Além disso, eles dão possibilidade do público acessar alguns tipos de conteúdo que não serão exibidos no streaming, na televisão aberta, etc. O melhor do cinema não faz sucesso de bilheteria. Os festivais são um lugar de encontro e, principalmente, de encontro das pessoas com o melhor que o cinema do seu país produz.

Subestima-se a capacidade do povo brasileiro de entender, se emocionar, ou interagir com os filmes de arte produzidos aqui. Eu já participei de festivais pelo Brasil inteiro com filmes, muitas vezes, considerados difíceis. Filmes de arte autorais e sempre com sessões lotadas. Então, os festivais são um brinde, um ouro, um grande presente que cada cidade do Brasil que tem a alegria de ter um festival dá aos seus habitantes.

2 Como foi, para ti, receber essa homenagem do Festival Santa Cruz de Cinema?

Eu tô muito feliz pela homenagem. Eu sempre fico muito honrado, muito satisfeito. Não só porque é um carinho, um afago, pra essa trajetória que já tem aí uns 25 anos, 60 filmes, distribuídos em gêneros diferentes, por regiões diferentes. Eu me sinto muito feliz. Me sinto agraciado sempre. E, se a pandemia permitir, quero estar presencialmente em Santa Cruz do Sul na hora do abraço. Mas, principalmente, acho que as homenagens são um jeito de estimular o público a lembrar a obra de um determinado artista. E no caso do cinema, que é uma obra coletiva, é lembrar também o trabalho de muitos diretores e de uma equipe imensa que o cinema brasileiro foi criando durante a retomada. Eu tive a grande alegria de me tornar ator durante a retomada do cinema brasileiro e sou um participante, um fazedor da retomada. Eu sei o quanto nós crescemos e quantas pessoas maravilhosas trabalham no nosso cinema apaixonadamente. Então, quando me homenageiam, indiretamente estão homenageando e lembrando muitos grandes diretores, equipes artísticas e técnicas de muitos filmes de todas as regiões do Brasil, dos quais eu tive a honra de participar.

3 Na tua opinião, o que é fundamental em um ator?

Talvez essa tenha sido a pergunta mais difícil dessa entrevista, até agora. É claro que existe um vocacionamento, um destinamento para os atores. Os atores são seres que a comunidade utiliza para conseguir enxergar as deformidades da alma humana. E, através disso, se curar aos poucos e caminhar em direção a um mundo mais feliz. Com menos preconceito, mais livre, mais consciente. Mas eu continuo achando que um ator precisa de muita persistência, trabalho e, principalmente, estudo. Por causa da quantidade de oportunidades para brilharem precocemente, muitos se esqueceram do período de formação. Eu acho que um ator é um ser que tem que estudar a sua arte. É, no mínimo, uma pena que um ator não conheça o passado da

sua arte e não se dedique, quase que o tempo todo, a ampliar seu repertório espiritual, artístico, técnico, é isso. Enfim, acabamos na velha equação: 10% de vocacionamento, 90% de labuta. Acho que é assim pra todos os ofícios.

4 Para ti, quais os caminhos possíveis para superar a falta de incentivo à cultura e ao cinema no Brasil?

A única solução para a falta de apoio ao cinema brasileiro é que exista apoio ao cinema brasileiro. Um país sem cinema é um país sem identidade. É importante. Muito.

5 A lógica de consumo de cinema mudou bastante nos últimos 10 anos. Tu acreditas que o streaming pode democratizar a distribuição de filmes?

Sim, acredito que as novas mídias democratizam a propagação e a produção de conteúdos audiovisuais. Na pandemia, os streamings vieram a salvamento do cinema presencial e do teatro, se tornando a grande vitrine.

Penso que, naturalmente, as grandes indústrias cinematográficas vão ter suas salas cheias no cinema presencial assim que a pandemia permitir. Os filmes de arte, que precisam da tela grande porque são filmes de Cinema, com C maiúsculo, terão sempre ou sessões em cinemas alternativos, ou os festivais pra serem exibidos em tela grande. E muitos, muitos filmes vão prescindir da estreia física e vão estreiar e ser muito vistos

através dos streamings variados. Isso é uma ótima notícia. A pandemia nos ensinou algumas coisas boas, né?

6 Para além dos palcos e das telas, como tu tens encarado a rotina de isolamento?

Tenho procurado não me desesperar, apesar de às vezes ficar desesperado. Eu acho que, no Brasil, a pandemia tem um agravante. Nós não estamos apenas no meio de uma peste, a gente está numa peste num país muito grande, muito pobre, cuja maioria da população não pode parar de trabalhar e com um governo neomilitarista e neopentecostal. O boi, a Bíblia e a bala no comando. Isso tem sido muito desumano. Observar a lentidão da vacinação do povo brasileiro, o desrespeito dos comandantes atuais do país com as exigências sanitárias e éticas do momento, tudo isso tem sido muito duro. Então, além de encarar que a minha profissão está paralisada por um tempo, que preciso ficar em casa o máximo possível, eu encaro dia após dia as notícias terríveis do que se tem feito aqui no Brasil e também de como esse governo tem se aproveitado da pandemia pra, como se diz, "passar a boiada", pra destruição de grupos étnicos, do meio ambiente, da democracia. Então, não te digo que eu estou bem, não. Eu tô atravessando aqui a pandemia com altos e baixos interiores muito profundos. É até mesmo um esforço dar esta entrevista para vocês hoje. Eu, muitas vezes durante a pandemia, tenho

apenas o desejo profundo de ficar calado. Mas é isso. Obrigado pela oportunidade de poder me expressar.

7 Matheus, recentemente, tu disseste ser um homem analógico. Como tem sido encenar virtualmente, como em *O sonho de um homem ridículo*?

Eu sou um homem analógico porque o meu ofício me parece analógico. É de carpintaria, é de um artesanato muito raro feito no corpo e no espírito. Um ator é alguém que precisa da presença do outro. E precisa estar em contato com o outro para que sua arte aconteça, para que continue observando o ser humano, que é seu material de trabalho. A nossa tinta é a própria humanidade. Eu sou do tempo do telefone fixo que discava rodando, girando com o dedinho, já pensou? Então, eu me assustei quando a pandemia chegou e eu vi as temporadas dos meus espetáculos canceladas. *O Sonho de um Homem Ridículo*, como você já mencionou, que eu fiz com a Cibele Forjaz, eu gravei e, depois, esse material foi montado e exibido em transmissão. Então, eu não estava atuando enquanto a peça era assistida. De qualquer maneira, gostei de fazer. Descobri coisas, continuo descobrindo e achei que, simplesmente, o teatro ganhou mais um aliado, que é a internet. Antigamente a gente tinha um preconceito com isso, né? Teatro é só ao vivo. E é, não deixará de ser, mas estaremos, também, mais treinados para continuar fazendo teatro durante a pandemia e para termos alternativas caso ela volte em ondas daqui pra frente. Agora, eu amo o encontro. Eu acho que o teatro é a arte de encontro mais saudável que o ser humano inventou. Acho o teatro a cerimônia da libertação humana. E é ritual, mas com pensamento, consciência e, agora, com tecnologia.

8 Que impactos a Covid-19 causou nas rotinas de gravação e nas relações em cena?

Eu trabalhei muito pouco presencialmente durante a pandemia. Nós retomamos as gravações do *Cine Holliúdy*, uma série da Rede Globo, e conseguimos trabalhar em fevereiro e março. Foi bem difícil sair da quarentena e me acostumar com o encontro. O encontro dos atores é uma coisa de troca viva, humana. E os protocolos atrapalham um pouco isso. Só se tira a máscara para gravar. Ensaia-se de máscara, prepara-se, maquia-se de máscara. A equipe nunca chega tão perto dos atores. Testes constantes. É um exercício duro, quase de guerrilha. Mas, em 22 de março, os números das mortes pela Covid no Brasil eram tão altos que a Rede Globo optou por cancelar o processo e a gente só deve retomar o *Cine Holliúdy 2* no ano que vem. Eu entendo isso, mas fiquei triste. Voltei pro meu isolamento. Fiz minhas lives com alguma alegria, mas sinto muita saudade, de tudo na verdade. Só não sinto saudade de mim, estou quase com uma overdose de mim mesmo (risos).

9 Se tu tivesses que interpretar o Brasil hoje, como uma personagem, que características não lhe faltariam?

Eu tive essa oportunidade, como homem e artista, de percorrer o Brasil por dentro dos personagens. Principalmente por personagens ditos marginais. Eu fui de norte a sul do país nesses 25 anos da retomada do cinema, vivendo os tipos brasileiros mais variados e sob pressão, representando a maioria do povo brasileiro que vive sob a pressão constante da sobrevivência. Foram travestis de rua, amarelinhos safados, comédias, tristezas, bandidos de presídio, traficantes do morro carioca, donos de barrancos em Serra Pelada foram, meu Deus, foram tantos tipos. Quase todos pobres e considerados típicos brasileiros.

Os últimos anos nos trouxeram uma revelação. Algo que a gente sabia mas que estava dormindo, estava encoberto. A crueldade machista e infantil da extrema-direita que permaneceu no Brasil o tempo todo, mesmo depois dos grandes momentos de liberdade política, de expressão e dos movimentos artísticos do país. Hoje, para interpretar um tipo brasileiro, de maneira crítica, talvez fosse ter que encarar coisas feias como o preconceito, o machismo, a falsa religiosidade, o cada um por si, a meritocracia. De uma certa maneira, um pouco antes da pandemia, eu fiz um personagem. Em *Piedade*, eu faço o Aurélio, funcionário de uma indústria petrolífera, que usa de meios escusos pra conseguir fazer com que uma família ribeirinha abra mão das suas terras em favor da exploração do petróleo. Esse personagem era um gay de armário, muito infantil, egoísta, arrumado, ligado ao dinheiro, à moda, um brasileiro, infelizmente, típico. Quando nós estreamos no Festival de Brasília, quando eu sai da sessão, era a primeira vez que eu tinha visto o filme, alguns jornalistas me rodearam e perguntaram: como foi ver o filme? Eu disse: foi triste entender que eu fiz um personagem que era um prenúncio do que viria a ser o tipo de brasileiro que venceu as eleições de 2018.

10 Em analogia a uma de tuas atuações mais marcantes, o quão João Grilo o brasileiro tem de ser nos dias atuais?

Somos desde sempre, e talvez estejamos condenados a ser por muito tempo ainda, João Grilos. Arlequins brasileiros sobrevivendo com alguma graça e alegria aos poderes poderes, os grandes e os pequenos. Os poderes da política, da igreja, dos pequenos patrões, dos maus patrões, enfim. Esse saber brincar apesar de tudo é muito brasileiro. É por isso que *O Auto da Compadecida* se tornou um clássico imediatamente. Continua tendo uma adesão e uma representação, no imaginário do Brasil, fortíssima. E continuará por muito tempo, me parece. Adoraria que *O Auto da Compadecida* por muito tempo pudesse inspirar e alegrar a gente e, principalmente, acho que *O Auto* é um dos filmes responsáveis por o brasileiro gostar do seu cinema. Acho mesmo.



Foto: Pedro Garrido

“Os festivais são um lugar de encontro e, principalmente, de encontro das pessoas com o melhor que o cinema do seu país produz.”



Foto: Fábio Goulart

CENA 1: ESCOLHAS

Conheça os bastidores da comissão avaliadora e alguns dos requisitos para levar o troféu

Por Kimberly Lessing e Paula Schoepf

A arte e a cultura estão associadas à vida, à expressão e ao sentimento. Neste cenário assombroso promovido pela pandemia da Covid-19, servem como alento aos corações pesados, transbordando saudade. São uma rota de

fuga para os pensamentos negativos que nos rodeiam, no momento em que as flores são entregues como despedida àqueles que não estão mais aqui.

As ondas da internet passaram a nos aproximar, ainda que virtualmente, da

nossa essência artística e cultural. Frente a isso, o Festival Santa Cruz de Cinema, que teve sua primeira edição em 2018, viu sua luz sendo encoberta pela escuridão dos tempos em que vivemos. No drama da vida real, manteve-se em cena e as cortinas se abriram novamente, mas agora de forma digital.

Marcela Schild, jornalista, viveu nesse set, integrando a organização do evento ao trabalhar na comunicação, assessoria de imprensa e produção. Um verdadeiro espetáculo para uma amante do cinema que se doou - literalmente, pois atuou de forma voluntária - nas duas primeiras edições. O sonho de ter um festival do gênero na região também era dela, desde o início.

A profissional trabalhou por trás das câmeras e direcionou nosso olhar aos bastidores do júri. Para preencher essa bancada, a equipe organizadora realiza reuniões na busca obstinada por profissionais da área, que sejam qualifica-

dos e possuam conhecimentos técnicos, além do vínculo com o cinema.

"Prezamos por escolher jurados diversos, olhando cada vez mais para a representatividade", conta Marcela. Nesse percurso, o objetivo é encontrar pessoas de regiões diferentes, que proporcionem debates abrangentes e tragam consigo diversos pontos de vista com o intuito de focar nas questões sociais com as quais o cinema dialoga.

A bússola nesta caminhada, trilhada pela organização do festival, é o vínculo dos futuros jurados com o setor audiovisual e cinematográfico brasileiro. Foi por meio desse empenho que chegaram ao nome de Clarice Saliby, documentarista que possui trajetória renomada no mercado, e de outros tantos profissionais da área

“É uma tarefa muito difícil julgar a arte.”

Clarice Saliby
Cineasta

que já ocuparam a mesma função no Festival Santa Cruz de Cinema.

Em 2020, Clarice deparou com um roteiro um pouco diferente dos demais: pela primeira vez foi jurada em um festival de cinema 100% on-line. O papel que lhe foi designado incluía uma rotina movimentada com muitos filmes para assistir. Era preciso lançar um olhar mais qualificado sobre as exhibições, dar um zoom e perceber os detalhes que não seriam vistos em plano aberto pelo espectador.

"É uma tarefa muito difícil julgar a arte", confessa. Como avaliadora, uma de suas maiores dificuldades é mensurar trabalhos artísticos com tantas sutilezas e particularidades. Pela lente de quem realiza a análise são capturadas as questões técnicas, a inventividade, a criatividade e o caráter disruptivo. E ela é minuciosa na apreciação das obras que disputam o troféu: "O melhor filme, em minha opinião, é aquele que conjuga com maior profundidade os aspectos técnicos, estéticos e éticos".

Em caso de empate entre as produções, na cena principal não podem faltar a pluralidade de percepções e a troca entre os jurados para que o final da trama do festival, além de emocionante, seja feliz.



Foto: Arquivo pessoal

Marcela é integrante da organização do evento desde a primeira edição



Foto: Arquivo pessoal

QUEM É CLARICE SALIBY?

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Clarice atua no mercado cinematográfico em diversas funções. Foi diretora, pesquisadora, roteirista e montadora do curta-metragem documentário *Efeito Casimiro*, que estreou no Festival do Rio de 2013. Participou de inúmeros festivais nacionais e internacionais, além de conquistar oito prêmios. Também foi diretora, pesquisadora e roteirista do longa-metragem documentário *Boa Noite*, que estreou na Seleção Oficial do Festival Internacional de Documentário 'É Tudo Verdade 2020'. Atualmente, ministra aulas em cursos de roteiro e de documentário.

A GRANDE TELA

A Mostra Olhares Daqui impulsiona o talento de alunos ainda na universidade e os motiva a se tornarem profissionais da área

Por Bianca Schilling e Luana Schweikart

A sensação de ir a um cinema pela primeira vez é considerada por muitos como indescritível. Ver a tela gigante, os personagens tomando vida, movimentando-se como se estivessem ao lado do público. O som ecoa na sala como se estivesse dentro da obra. De crianças a idosos, todos os que já foram ao cinema experimentaram isso, compartilhando assim da emoção que é vivenciar essa experiência.

Agora, imagine que você passa meses vislumbrando um projeto, planejando tempos, movimentos e intenções. Você escolhe personagens para representar uma realidade ou uma idealização. Sentimentos como estes são compartilhados entre produtores audiovisuais, desde estudantes até profissionais formados e o Festival Santa Cruz de Cinema oferta isso ainda mais de perto. A Mostra Olhares Daqui, que integrou as edições de 2018 e 2019, foi feita especialmente para talentos da região do Vale do Rio Pardo e Taquari compartilharem trabalhos e produções.

Os produtores já formados Victor Cas-



Pacheco foi o vencedor da mostra em 2019

“Cresci vendo filmes tipo Hollywood no telão, quando vejo o meu filme lá, pensei na hora, esse é o meu propósito!”

Victor Castilhos
Produtor Cinematográfico

tilhos, 24 anos, e Renato Gomes, 25 anos, lembram como foi ter o trabalho “Vento Madeira” exposto na Mostra de 2018, primeira edição. “Todo aquele dia foi muito legal, da hora mesmo”, enfatiza Victor. O material foi desenvolvido na disciplina de Documentário II do curso de graduação em Produção em Mídia Audiovisual (PMA), da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), ministrada por Jair Giacomini. Eles lembram que o professor sempre incentivou que os trabalhos fossem expostos, e não guardados após a finalização. “O Festival e a Mostra foram ao encontro disso, foi o que nos tirou da caixa”, descreve Renato.

A Mostra, como definem Victor e Renato, gera uma espécie de régua que revela a qualidade dos filmes. Além disso, Victor deixa claro que, no fim, todo mundo faz filmes para ver no telão. “Quando acontece, vemos o sentido de tudo - das reuniões, noites escrevendo roteiro, ainda mais quando as pessoas elogiam, falam que sentem algo, aí fecha todo o ciclo.” Diferente da segunda edição, em 2019, não teve premiação. “A nossa premiação foi a exibição no Cine Santa Cruz, nosso prêmio foi o telão do cinema para exibir “pra” galera”, observa Renato.

Jonatan Pacheco, 23 anos, aluno do curso de PMA da mesma universidade, compartilha dos sentimentos dos colegas de profissão. Ele foi o premiado na categoria da Mostra em 2019 com o trabalho “Terrorismo Lírico”, também produzido dentro da academia, na disciplina de Documentário I. “A intenção

era justamente arrepiar o público. Construimos o roteiro com base na intenção poética, informativa e performática.” Ele e um grupo de colegas foram para Porto Alegre (RS), considerada um polo no assunto tratado pelo documentário. Os slams, retratados na obra por Jonatan e seus colegas, são batalhas de poesias, julgadas pela plateia e jurados. Lá iniciaram as primeiras imagens do que mais tarde se tornaria o vencedor da categoria em 2019.

O estudante, que também é músico, estava no lançamento da edição de 2019 da Mostra, no Proeza, bar de Santa Cruz do Sul, e lembra até hoje da surpresa de quando descobriu que seu filme tinha sido selecionado. “O Ricardo e o Victor também tiveram outro curta selecionado naquele ano, foi um vibrando com a indicação do outro.” Ele ressalta a importância de distribuir os filmes, não só fazê-los e engavetá-los. “O Terrorismo foi selecionado em uma mostra no Rio de Janeiro também. Esse trabalho, graças à divulgação feita pela Gabriela Dullius, chegou longe, viajamos com tudo pago, conhecemos lugares no Brasil todo.”

Sobre ter sido o escolhido dos jurados, ele sorri abertamente e com orgulho. “É muito significativo as pessoas cinéfilas escolherem o seu trabalho para ser premiado, quando avaliam quesitos e te reconhecem.”

MERCADO AUDIOVISUAL

Em 2018, Victor e Renato já administravam a Super Nova Filmes. O objetivo dos meninos no mercado é realizar projetos cinematográficos, de ficção e documentários, mas ambos concordam que não é fácil fazer cinema no Brasil, por isso também atuam no ramo da publicidade e de projetos culturais. Já Jonatan trabalha como operador de áudio e vídeo em uma empresa de videoaulas, além de mesclar com trabalhos freelancer.

O conselho aos universitários é não ter medo. É fazer roteiros e colocar a mão na massa para conseguir exibir o curta, e ainda aproveitar as chances dos editais oferecidos pelo Governo Federal que patrocinam valores para a cultura. “O primeiro trabalho não será uma obra-prima, tem que analisar o que dá certo e o que não, acima de tudo é botar em prática”, orienta Renato. Como a dupla já empreendia, os curtas feitos já referenciavam e davam confiança no meio audiovisual. “Experiências assim refinam nossa visão”, completa Renato.

“Santa Cruz do Sul tem tudo para ser um polo audiovisual. Há o curso, o Festival e tem muita gente que produz e consome. Estamos trabalhando para ser referência no Estado. A cidade é turística, tem tudo para receber pessoas e comporta um grande evento da área”, destaca a dupla de participantes da primeira edição da Mostra Olhares Daqui.



OÁSIS NO DESERTO

Lucas Rossi e Marcus Mello evidenciam os dilemas do cinema brasileiro

Por Adrieli Jordana e Luana Barbosa

Para muitos diretores, a criação de um filme é como a gestação de um filho. Você espera meses ou anos para finalmente dar à luz a história. E quem conhece bem esse processo é o produtor e diretor Lucas Rossi Santos. Paulista do interior de Piracicaba, instigado pelo sentimento de explorar o mundo, ele encontrou na arte essa motivação. “Meu pai trabalhou com o Cid Moreira e escrevia alguns textos para ele. Teve uma situação em que o Cid ia ler uns salmos bíblicos e nesse dia resolvi ir. Então gravei todos esses salmos com o Cid e comecei assim, como estagiário de produção.”

E, para ficar no terreno dos designios divinos, diz o ditado que “o tempo é o senhor de tudo”. Foi, então, a partir daquele momento, que ele começou a se interessar pelos encantos da sétima arte. “Logo virei assistente de produção. Trabalhei com teleprompter, fazendo a organização de tudo, e foi ali que comecei a entender a produção e a criação de fazer cinema.” E foi percorrendo os caminhos que o levassem a adentrar o mundo cinematográfico que Lucas

Mas, como qualquer criador preocupado com a qualidade de sua obra, Lucas sabe que há percalços a se enfrentar, ainda mais quando se fala sobre produzir filmes no Brasil. “É muita burocracia e é caro. Eu, por exemplo, não sou da elite e a maior parte das pessoas que fazem cinema no Brasil são. Como venho de outra realidade, é mais difícil.”

Por ser um cinéfilo, Marcus Mello, que atualmente trabalha na Cinemateca Capitólio, compreende os obstáculos que Rossi enfrenta. “O cinema brasileiro atualmente está paralisado, sob ataques do atual governo. Os próprios recursos do Fundo Setorial do Audiovisual estão travados.”

O Festival Santa Cruz de Cinema vai na contramão desse cenário. É o clássico oásis no deserto. Por mais que o cenário audiovisual brasileiro esteja passando por um momento difícil, o evento busca ser um alento para os amantes do cinema nacional. “Sou um entusiasta do Festival. Sua curadoria tem valorizado a diversidade da produção brasileira, a emergência de novas vozes, o cinema negro, o das mulheres, as expressões da periferia. E isso é muito importante”, diz o cinéfilo Marcus Mello.

Por ironia do destino, é como uma típica história de cinema, com drama, personagens enfrentando desafios e também vivendo a glória de suas vitórias que se pode resumir o cinema no Brasil. E resta ao público torcer para que tudo isso fique apenas na cena de um filme que - cá entre nós - é bom de se assistir.

“O cinema brasileiro atualmente está paralisado, sob ataques do atual governo. Os próprios recursos do Fundo Setorial do Audiovisual estão travados.”

Marcus Mello
Cinéfilo

acabou aterrizando no Festival Santa Cruz de Cinema.

Ele, que participou da primeira edição, em 2018, além de apresentar seu curta-metragem *O Vestido de Myrian*, que aborda a dor da perda e da solidão, também nessa mesma edição levou o prêmio de melhor filme. “Foi muito especial participar, muito marcante ver o filme na sala de cinema. É sempre uma experiência única e cada vez que você vê, descobre experiências novas, justamente por essas trocas de diálogos que existem no próprio festival.”



Marcus na Bienal em São Paulo

4º FESTIVAL SANTA CRUZ DE CINEMA E MOSTRA OLHARES DAQUI

INSCRIÇÕES ATÉ 31 DE AGOSTO
WWW.FESTIVALSANTACRUZDECINEMA.COM.BR



APOIO:



PATROCÍNIO:

